

# A LEITURA EM ANTONIO CANDIDO E JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA [Reflexões iniciais]

Valdir Prigol<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo é uma reflexão inicial sobre o modo de pensar a leitura de textos literários presente nos trabalhos de Antonio Candido autor de livros fundamentais dos estudos literários, como Formação da Literatura Brasileira, Literatura e Sociedade e O discurso e a cidade - e João Cezar de Castro Rocha autor de Crítica literária: em busca do tempo perdido?, Por uma esquizofrenia produtiva: da prática à teoria e Leituras desaturadas: tempos precários, ensaios provisórios, entre outros. Tomaremos como ponto de partida um texto de cada autor em que identificamos a presença, ao mesmo tempo, da crítica, da história e da teoria: Dialética da malandragem, de Antonio Candido e Ciúme e dúvida póstuma [Dom Casmurro], de João Cezar de Castro Rocha. A partir destes textos pretendemos observar como os autores exercitam e discutem a leitura de textos literários.

**Palavras-chave:** Leitura, teoria, crítica, história da literatura, discurso.

## READING IN ANTONIO CANDIDO AND JOÃO CEZAR DE CASTRO ROCHA [INITIAL REFLECTIONS]

**Abstract:** This article is an initial reflection on the ways of thinking about reading literary texts present in the works of Antonio Candido - author of fundamental books of literary studies, such as Formação da Literatura Brasileira, Literatura e Sociedade, and O discurso e a cidade - and João Cezar de Castro Rocha - author of Crítica literária: em busca do tempo perdido?, Por uma esquizofrenia produtiva: da prática à teoria, and Leituras desaturadas: tempos precários, ensaios provisórios, among others. We will take as a starting point a text by each author in which we identify the presence, at the same time, of gestures of criticism, history and theory: “Dialética da malandragem”, by Antonio Candido, and “Ciúme e dúvida póstuma [Dom Casmurro]”, by João Cezar de Castro Rocha. From these texts we intend to observe how the authors exercise and discuss the reading of literary texts.

**Keywords:** Reading, theory, criticism, history of literature, discourse.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina (2003) e professor na UFFS. E-mail: valdirprigol@uffs.edu.br

Em um debate recente sobre os estudos literários, Hans Ulrich Gumbrecht propôs que, no século XIX, as leituras tinham como referência central, como ponto de partida, a história; no século XX, a teoria e, no início deste século, a crítica (NEIVA, 2007). Diante da fala de Gumbrecht, lembrei de dois autores que lidam com a questão da leitura nos estudos literários e que avançaram a tal ponto nos seus trabalhos que podemos ver em um mesmo texto gestos de crítica, de história e de teoria: Antonio Candido e João Cezar de Castro Rocha. Lembrei, especialmente de dois textos, duas práticas de leitura, que podem servir como ponto de partida para analisar a questão da leitura nos dois críticos: “Dialética da malandragem”, de Antonio Candido, e “Ciúme e dúvida póstuma”, de João Cezar de Castro Rocha. Os dois ensaios são conhecidos, por isso vou descrevê-los rapidamente.

“Dialética da malandragem”, publicado inicialmente em 1970 e republicado no livro *O discurso e a cidade* (1993), propõe uma leitura do livro *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. O autor refuta as duas principais leituras do livro – romance pícaro, proposta por Mário de Andrade, e romance documentário, proposta por Darcy Damasceno – e em seguida o autor vai para o texto de Manuel Antonio de Almeida. A partir da leitura do romance, refuta as leituras anteriores e propõe a sua: na sociedade do livro, as personagens vivem oscilando entre a ordem e a desordem. Mostra em profundidade e com abundância de trechos essa oscilação e detém-se em um trecho em que o Major Vidigal encarna, nas roupas que veste, os dois polos. Depois de mostrar como a ordem e a desordem funcionam na sociedade do livro, Candido encontra, nas pesquisas sobre o período de publicação da obra, os **polos** da ordem e da desordem na sociedade do início do século XIX, especialmente na classe dos “homens livres”, isto é, homens e mulheres que não eram aristocratas e nem escravos. A dialética da ordem e da desordem

era um modo de sobreviver neste período. Esse movimento da crítica e da história, que vimos até aqui, é complementado, na parte final, por uma reflexão teórica sobre literatura. Assim, o crítico utiliza a dialética da ordem e da desordem para pensar a própria literatura. Para isso apresenta o seguinte esquema:

(Fonte: CANDIDO, 2010, p. 39)

Em seguida, acrescenta:

OD, dialética da ordem e da desordem, é um princípio válido de generalização, que organiza em profundidade tanto AB quanto A'B', dando-lhes inteligibilidade, sendo ao mesmo tempo real e fictício -, dimensão comum onde ambos se encontram, e que explica tanto um quanto outro. A'B' não vem diretamente de AB, pois o sentimento da realidade na ficção pressupõe o dado real mas não depende dele. Depende de princípios mediadores, geralmente ocultos, que estruturam a obra e graças aos quais se tornam coerentes as duas séries, a real e a fictícia. (CANDIDO, 2004, p. 39).

E como já havia dito um pouco antes:

(...) não é a representação dos dados concretos particulares que produz na ficção o senso da realidade; mas sim a sugestão de uma certa generalidade, que olha para os dois lados e dá consistência tanto aos dados particulares do real quanto aos dados particulares do mundo fictício (Idem, p.38).

Vemos, assim, no texto de Candido, um modo de ler que parte do texto, vai para a história e, em seguida, pensa a própria literatura. Esses três movimentos vemos também nos textos de João Cezar de Castro Rocha. Em “Ciúme e dúvida póstuma [Dom Casmurro]”, o autor inicia pela leitura do texto de Machado de Assis, propondo como questão central do livro o ciúme. Nesta primeira parte da leitura, Castro Rocha mostra como o ciúme é elemento fundamental do livro e separa o trecho em que Bentinho vê Capitu chorar diante do corpo de Escobar, momento, segundo o autor, em que o ciúme parece surgir do nada e contaminar todo o relato. Em seguida, o crítico vai para a história - mas não do período em que o

texto foi escrito, como faz Candido - ou melhor, para a memória dos livros que ele lembrou e que também têm a questão do ciúme como elemento central, como *Hipólito*, de Eurípides e *Otelo*, de Shakespeare. Depois desse movimento em relação à historicidade, o autor aproveita a imagem do ciúme para fazer uma reflexão teórica sobre a literatura:

A literatura também não dispõe de “provas”, não expõe “evidências”; como o ciúme, a literatura é um discurso que se alimenta da dúvida, da impossibilidade de conhecer a “verdade” última do mundo.

*Dom Casmurro*, portanto, é um dos mais poderosos elogios à força da ficção, à ideia da literatura como uma máquina de produzir perguntas inovadoras. Os olhos de ressaca devem ser os olhos do malicioso leitor machadiano.

Por isso, não há como saber se Capitu traiu: nessa lição reside a superioridade da literatura de Machado de Assis. (CASTRO ROCHA, 2015, p. 188).

Assim, João Cezar de Castro Rocha, como leitor entusiasta de Candido, faz os mesmos movimentos do autor de *A formação da leitura brasileira* – crítica, história e teoria – mas, ao invés de situar o texto no tempo em que ele foi escrito, situa-o no presente de leitura. Isto é, lendo o texto no presente, o autor aponta para os textos que lembrou ao ler *Dom Casmurro* e não busca o sentido do ciúme que está no texto na sociedade do tempo em que o livro foi escrito (como faria Antonio Candido).

Desse modo, gostaríamos de retomar a produção de Antonio Candido e de João Cezar de Castro Rocha para observar como a leitura aparece em seus trabalhos, tanto nos exercícios de leitura, quanto nos textos históricos e teóricos, tomando como ponto de partida os textos “Dialética da malandragem” e “Ciúme e dúvida póstuma”.

Antonio Candido, em “Dialética da malandragem”, materializa um momento importante do seu trabalho realizado desde os anos de 1940, além de apresentar uma perspectiva nova para questões colocadas pelos estudos

literários. Se pensarmos que, nesse texto, vemos a crítica, a história e a teoria, nessa ordem, em funcionamento, podemos ver como estas questões são desenvolvidas por ele em vários trabalhos. Uma metáfora muito lembrada para falar do ponto de partida para as análises de Antonio Candido é a do “corpo a corpo” com o texto.

Talvez essa seja uma das principais marcas do trabalho do autor e as reflexões sobre ela estão dispersas em muitas publicações. Podemos lembrar aqui do fundamental “Crítica e Sociologia”. Neste texto, que é a abertura de *Literatura e Sociedade*, Candido repassa as várias perspectivas que pensam a relação das duas e mostra que todas elas partem sempre de um elemento externo para depois chegar no texto. Como Candido diz:

Todas estas modalidades e suas numerosas variantes são legítimas e, quando bem conduzidas, fecundas, na medida em que as tomarmos, não como crítica, mas como teoria e história sociológica da literatura, ou como sociologia da literatura, embora algumas delas satisfaçam também as exigências próprias do crítico. Em todas nota-se o deslocamento de interesse da obra para os elementos sociais que formam a sua matéria, para as circunstâncias do meio que influíram na sua elaboração, ou para a sua função na sociedade. Ora, tais aspectos são capitais para o historiador e o sociólogo, mas podem ser secundários e mesmo inúteis para o crítico, interessado em interpretar, se não forem considerados segundo a função que exercem na economia interna da obra, para a qual podem ter contribuído de maneira tão remota que se tornam dispensáveis para esclarecer os casos concretos. (CANDIDO, 2008, p. 21).

Esta análise de Candido desnuda o que até aquele momento (1965) possuía centralidade nas leituras de textos literários: os *a priori* da história ou da teoria. O que não é pouca coisa, pois desnaturaliza os modos de funcionamento da história da literatura e da teoria naquele momento. Se pensarmos que o modelo de história literária que vemos em *Bosquejo da história da poesia brasileira* (1841), de Joaquim Norberto, ainda sobrevive nos livros didáticos e que, em muitas análises atuais, o texto literário é exemplo de alguma teoria, o

texto de Candido reveste-se de uma atualidade impressionante já que esses modos de ler criticados pelo sociólogo ainda nos constituem.

Na introdução de “Crítica e Sociologia”, Candido pensa o trabalho de leitura de textos literários e a crítica aparece como ponto de partida, no sentido de um corpo a corpo com o texto. Depois de propor uma breve (e densa) análise de *Senhora*, de José de Alencar, completa:

Neste caso, saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. Quando isto se dá, ocorre o paradoxo assinalado inicialmente: o externo se torna interno e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica. O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. (CANDIDO, 2008, p. 17).

Esse passo é muito importante para os estudos literários e é o que vemos com toda a força no início de “Dialética da malandragem”, como em boa parte das leituras de Candido. Aqui é importante fazer menção a trabalhos de dois autores que também fazem esse movimento, como Erich Auerbach e René Girard. O primeiro em relação à história e o segundo em relação à teoria. Se pensarmos em um texto como “A meia marrom”, último capítulo de *Mimesis*, de Erich Auerbach, vemos como a primeira parte do trabalho é um longo trecho de *Passeio ao farol*, de Virgínia Woolf, e em seguida, um corpo a corpo com o texto até a proposição de uma imagem para ler o texto. E é o que nasce desse “corpo a corpo” com o texto de Woolf que leva a análise de Auerbach para a história do período em que o texto da autora foi escrito. Já em *Mentira romântica e verdade romanesca*, vemos como René Girard, ao ler textos de Cervantes, Stendhal, Flaubert, Dostoiévski e Proust, propõe

a teoria do desejo triangular. Do mesmo modo, primeiro temos a relação de Girard com os textos e em seguida a teorização do que nasce da relação. Nesse caso, a criação de uma nova teoria.

E esse é um ponto fundamental para um dos trabalhos mais conhecidos de Antonio Candido – *Formação da literatura brasileira* –, trabalho de fôlego e para muitos (como João Cezar de Castro Rocha) uma história da literatura exemplar não só para o âmbito do Brasil mas para outros países. O fato é que tanto na *Formação* quanto em “Crítica e sociologia”, o movimento para a história vem depois da leitura dos textos literários. Pensemos nas análises fundamentais de textos literários presentes na *Formação da Literatura Brasileira*. Um dos mais conhecidos é aquele em que Candido vai mostrando a presença constante da imagem da pedra nos sonetos de Cláudio Manuel da Costa para depois propor como essa imagem parece apontar para uma literatura que começa a colocar o país em cena.

É interessante notar como em “Dialética da malandragem”, a primeira parte do ensaio é dedicada a ler o texto de Manuel Antonio de Almeida e o que vem em cena é a sociedade do texto e, no segundo movimento, é a busca da sociedade do tempo em que o texto foi escrito. Talvez por isso, muitos chamem o modo de ler de Candido de sociológico, mas como vemos, talvez seja um sociólogo às avessas, porque primeiro vem a sociedade do texto e depois a sociedade do tempo do texto. É interessante observar, também, como uma leitura recente como “A ilha urbana”, de Josefina Ludmer também faz esse movimento ao mostrar a imagem da ilha urbana em alguns textos literários latino-americanos do ano 2000 e em alguns textos sociológicos do mesmo período. Movimento semelhante ao que vemos no já citado “A meia marrom”. Mas nesse caso, Auerbach vai do texto para a história.

De qualquer modo, o segundo movimento que vemos em “Dialética da malandragem” foi tematizado intensamente por Candido, revelando-se como uma das suas principais preocupações, ao investigar como o externo vira elemento interno da composição. E como vemos no texto do Ludmer, esse gesto de leitura ainda possui potência neste presente.

O trabalho de Candido é quase sempre lido neste binômio texto/contexto, o que não deixa de ser importante, porque sempre foi um elemento central nas investigações do autor. Mas se voltarmos à “Dialética da malandragem”, vemos que temos aí um outro gesto muito importante: o teórico. Gesto pouco comentado nos trabalhos de Candido e relativizado pelo próprio crítico, vemos o quanto ele é fundamental para compreender o conjunto do trabalho do autor e o salto dado por ele em relação a outros modos produzir teoria.

Como lembra João Cezar de Castro Rocha, na resenha que fez da antologia de textos de Antonio Candido lançada em 2002 - *Textos de intervenção* -, Candido contribuiu muito com um modo de fazer Teoria da Literatura mas que nem sempre é visto como tal.

Como não é possível esgotar a riqueza de temas suscitada pela antologia, prefiro concentrar-me num único ponto, mas que parece decisivo para reavaliar certo aspecto da obra de Candido e, num sentido mais amplo, da história dos estudos literários no Brasil. Conforme recordei, o próprio Candido sempre fez questão de afirmar que nunca se considerou um teórico *tout court*. Pois bem: talvez não se tenha compreendido a ironia por trás da aparente autodesqualificação, sobretudo numa época em que a palavra “teoria” era pronunciada como se fosse autêntico rito de passagem, passaporte para o ingresso no estreito círculo de iniciados. Rito criador do cisma definitivo entre o trabalho acadêmico e a atividade jornalística.

A fim de sugerir um novo entendimento da contribuição de Candido, proponho que se recupere o sentido originário da palavra teoria, através do retorno à origem grega. O verbo *theorein* quer dizer “olhar para”, “contemplar”, “pesquisar”, o que supõe um objeto a ser contemplado e pesquisado – e a tautologia é indispensável, pois esclarece o caráter transitivo da atividade teórica na cultura clássica. A

*theoria* somente se articula no enfrentamento com um objeto determinado; no caso da teoria da literatura, salvo engano, com a própria literatura – e, mais uma vez, a tautologia é precisa e deve ser valorizada. Além disso, a noção grega de *theoria* supunha uma prática cultural lastreada na necessidade de exposição ao alheio, em lugar do exercício narcíseo de contemplação do mesmo: “o peregrino ou o *theoros* viaja, distante de seu lar, a fim de ver algum tipo de espetáculo ou aprender algo acerca do mundo exterior, confrontando desse modo povos e lugares”. (CASTRO ROCHA, 2008, p. 59).

E em seguida, complementa: “as teorias mais estimulantes no campo dos estudos literários foram elaboradas num intenso corpo a corpo com determinado corpus textual.” (Idem, p. 60-1). E aqui estamos diante de uma contribuição fundamental de Antonio Candido, mas pouco lembrada. E esse modo de pensar a teoria também estava no ensino, como recorda Candido:

Quando, em começos de 1961, iniciei na Universidade de São Paulo (onde fora antes Assistente de Sociologia) o curso de Teoria da Literatura (denominado a seguir, por proposta minha, Teoria Literária e Literatura Comparada), o meu critério foi o de ensinar de maneira aderente ao texto, evitando de teorizar demais e procurando a cada instante mostrar de que maneira os conceitos lucram em ser apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, de análise. (CANDIDO apud CASTRO ROCHA, 2008, p. 62).

Assim, podemos considerar que o que vemos no exercício de leitura que é “Dialética da malandragem” faz parte das reflexões que Candido realizou em toda a sua atividade enquanto crítico.

Do mesmo modo, João Cezar de Castro Rocha tem realizado um trabalho importantíssimo sobre a leitura de textos literários. O que temos em “Ciúme e dúvida póstuma [*Dom Casmurro*]” também está presente em suas reflexões sobre a leitura. Um primeiro aspecto que o autor tem mostrado é a centralidade de certos *a priori* na leitura. Para Castro Rocha, primeiro a história da literatura e depois a teoria produziram um lugar secundário para o texto literário.

Vejam como o autor vê a circulação e a institucionalização dos modos de ler dessas disciplinas, iniciando com a história da literatura:

Em primeiro lugar, os estudos literários encontraram guarida nos bancos universitários através da valorização da ideia de nacionalidade. O Estado-nação patrocinou a inclusão dos estudos literários no rol das disciplinas acadêmicas desde que, por sua vez, esses estudos se comprometessem a identificar a gênese e a formação do “espírito nacional”. É como se supunha que se manifestasse com maior vigor no emprego de uma língua particular, os homens de letras profissionalizaram-se como filólogos e historiadores. (...) Portanto, o esforço de professores e pesquisadores de literatura se concentrava na busca do mesmo resultado: a afirmação da nacionalidade. Em metáfora bem ao gosto da historiografia oitocentista: à sombra dessa frondosa árvore, frutos os mais diversos podiam ser reunidos sem causar estranheza. Afinal, as diferenças entre escritores individuais importavam menos do que a “semelhança” fundamental: o solo pátrio. Tal critério favoreceu a escrita de volumosas histórias literárias, cuja enumeração enciclopédica de autores e títulos provavelmente estimulava o ceticismo de leitores no tocante à equivalência automática entre o hábito de citar inúmeras fontes e o ato de ler as inúmeras fontes citadas. (CASTRO ROCHA, 2008, p. 172).

A citação é longa, mas ela é fundamental para entender a constituição desse modo de ler que circula até hoje nas universidades e nas escolas (especialmente no ensino médio). A sobrevivência desse modo de ler é impressionante e a leitura de uma dessas histórias da literatura que colocam em primeiro lugar a história de um período e por último fragmentos de alguns textos é, como diz Adolfo Casais Monteiro, em *Clareza e mistério da crítica*, como “(...) se fosse a visita a um cemitério” (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 109). Só tem mortos. Isso se deve, segundo Castro Rocha, porque antes do texto há um *a priori*: o historicismo, o qual está em metáforas associadas ao literário com ampla circulação, como “retrato” e “espelho”.

E a teoria da literatura, vista por muitos autores do século XX como a solução para a falta de método da crítica literária brasileira, produziu efeito de fechamento e secundarização semelhante:

Uma segunda forma de legitimação dos estudos literários surgiu no desenvolvimento dos estudos de teoria, que começaram a dominar as universidades após a Segunda Guerra Mundial, parcialmente como resultado do colapso do modelo oferecido pelo Estado-nação. (...) Ainda que muitas vezes divididos em correntes adversárias e mesmo antagônicas, os estudos de teoria partilham uma característica comum: a busca da especificidade do literário. Especificidade que devia ser descoberta através de uma abordagem intrínseca do texto literário – entendido como um arranjo verbal autônomo, portanto, capaz de determinar suas próprias regras. Tratava-se de levar adiante o programa proposto por Roman Jakobson em célebre ensaio, “A nova poesia russa”: “O objeto da ciência da literatura não é a literatura, mas a literariedade, isto é, o que faz de uma determinada obra uma obra literária”. (CASTRO ROCHA, 2008, p. 172-3).

O que a teoria fez, em boa parte das vezes, foi produzir um novo *a priori* – agora o que vem em primeiro lugar é o conceito. O texto novamente ocupa um lugar secundário.

Como diz Castro Rocha em relação às duas disciplinas:

Na verdade, historiadores e teóricos da literatura terminaram de mãos dadas, embora tenham protagonizado disputas ruidosas e polêmicas acaloradas – pensemos nos estudos literários no Brasil do final dos anos de 1960 e de 1970. Ora, não é verdade que os extremos se tocam? No caso em questão, a concepção que informava seus esforços tinha como base uma definição unitária e excludente: de um lado, a nação, e, de outro, a literariedade. O abismo existente entre esses conceitos era superado por um procedimento idêntico: o que excedia seu horizonte conceitual não despertava o interesse dos estudiosos. Por isso, alternativas que evidenciassem a pluralidade possível de temas e a diversidade necessária de abordagens eram simplesmente desconsideradas. (Idem, p. 175).

Nesta mesma direção já apontava Casais Monteiro em 1961: “[...] a obra literária serve apenas, ao crítico teórico, de campo de pesquisas para a comprovação da sua teoria; e ele então procura nela elementos que lhe permitam fazer a demonstração dos seus princípios.” (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 72). Por isso, para Castro Rocha, não é estranho que hoje em dia também o texto literário tenha um lugar secundário na

sociedade, já que agora o que possui centralidade são os meios audiovisuais.

Assim, os *a priori* dão um lugar secundário à literatura ao decidirem de antemão a leitura do texto, atribuindo o sentido a algo que está fora do texto. O tempo da leitura aqui acaba sendo o tempo da escrita do texto e não o presente de leitura.

O que é importante, segundo Castro Rocha, é pensar que, na leitura literária, o fundamental é a relação do texto com o leitor no presente de leitura. Como diz o autor:

Machado de Assis – você já sabia! – em *Dom Casmurro* inventou a teoria maliciosa dos livros confusos e dos livros omissos. Os primeiros tudo esclarecem e assim, com sua escassez desleigante de elipses, terminam por embaralhar a leitora numa profusão de detalhes. Já os últimos, pelo contrário, convocam a imaginação propriamente criadora dos leitores. (CASTRO ROCHA, 2019, p. 1).

O leitor emenda e imagina o que lê. Faz parte da leitura. E é esse gesto que vemos em “Ciúme e dúvida póstuma [*Dom Casmurro*]”. Depois de mostrar a imagem do ciúme no texto de Machado de Assis, Castro Rocha não vai para o tempo do texto; podemos dizer que ele vai para o tempo do leitor, isto é, para o que ele lembrou vendo a questão do ciúme em *Dom Casmurro*. Esse gesto é importante e parece reiterar, de algum modo, a metáfora proposta por Casais Monteiro para pensar a literatura:

Ora a verdade é que a obra literária, como o camaleão, muda de cor conforme o lugar onde se encontra. Obras que foram muito revolucionárias na época do seu aparecimento, parecem-nos hoje perfeitamente inócuas, ou, pelo contrário, o poder de choque, de ação revolucionária de outras só vem a tornar-se perceptível muito depois. Algumas, tidas como incompreensíveis, ficam fáceis – e o oposto não é menos verdadeiro. A obra literária é, por uma grande parte, um reflexo das consciências sobre que passa, e podemos até dizer que, quanto maior ela é, mais suscetível será de tomar novos sentidos, de aparecer iluminada de maneiras diversas, mostrando a cada um o lado graças ao qual poderá ser mais viva para aquele leitor. (CASAIS MONTEIRO, 1961, p. 87-88).

Nesse sentido, para lembrar das considerações de Georges Didi-Huberman sobre a história da arte, é como se, cada vez que lemos um texto literário, a história e a teoria da literatura começassem de novo.

Assim, a ideia de retomar essas duas práticas de leituras - “Dialética da malandragem”, de Antonio Candido e “Ciúme e dúvida póstuma [*Dom Casmurro*]”, de João Cezar de Castro Rocha – nos dá condições de pensar pelo menos três pontos sobre a leitura:

. A leitura como relação: essa dimensão aparece nos textos dos dois autores e poderá nos dar uma nova perspectiva sobre o ponto de partida das nossas leituras. Se considerarmos que o ponto de partida é a relação, o corpo a corpo com o texto (como propõem os autores estudados aqui), perceberemos que, além da multiplicidade de entendimentos sobre um mesmo texto, devemos perceber que texto e leitor possuem a mesma importância.

. A produção do conhecimento: os dois autores também parecem inverter o modo mais comum utilizado para a produção de leituras sobre textos literários. Como o ponto de partida parece ser a relação, a história e a teoria vem para pensar o que nasce da relação.

. O tempo de leitura: os dois autores são conhecidos por abordarem esse ponto mas, como vimos, de modos diferentes. Candido parece situar o tempo de leitura no presente de escrita do texto literário e Castro Rocha parece pensar o texto a partir do presente do leitor.

Nesse sentido, acredito que a retomada dos textos dos dois autores é urgente porque nos levam a uma compreensão mais ampla e criadora da leitura.

## Referências

AUERBAHC, Erich. *Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. 4 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.

\_\_\_\_\_. Literatura e sociedade. 10 ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

\_\_\_\_\_. Formação da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007.

CASAI MONTEIRO, Adolfo. Clareza e mistério da crítica. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

CASTRO ROCHA, João Cezar. O direito à leitura literária. Pessoa, dez. 2018. Disponível em <<<https://www.revistapessoa.com/artigo/2708/o-direito-a-leitura-literaria-i>>>. Acesso em <<27 nov. 2019>>.

\_\_\_\_\_. Leituras desaturizadas: tempos precários, ensaios provisórios. Chapecó: Argos, 2017. Seleção e apresentação de Valdir Prigol.

\_\_\_\_\_. Por uma esquizofrenia produtiva: da prática à teoria. Chapecó: Argos, 2015. Seleção e apresentação de Valdir Prigol.

\_\_\_\_\_. Crítica literária: em busca do tempo perdido? Chapecó: Argos, 2011.

\_\_\_\_\_. A crítica literária como intercâmbio cultural. Disponível em <<<http://www.youtube.com/watch?v=AgzCNtmXITw>>>. Acesso <<29 out. 2012>>.

\_\_\_\_\_. Exercícios críticos: Leituras do contemporâneo. Chapecó: Argos, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Atlas ou A gaia ciência inquieta. Lisboa: KKYM + EAUM, 2013.

\_\_\_\_\_. Diante do tempo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2015.

\_\_\_\_\_. Diante da imagem. São Paulo: 34, 2013.

GIRARD, René. Mentira romântica e verdade romanesca. São Paulo: É Realizações, 2009.

LUDMER, Josefina. Aquí América Latina. Buenos Aires: Eterna Cadência, 2010.

NEIVA, Saulo. Estudos Literários: futuros possíveis? Abralic, Revista Brasileira de Literatura Comparada, n. 32, 2017.

**Submissão: agosto de 2020**

**Aceite: outubro de 2020**